

JÚLIO NAVARRO MONZÓ

As conferências de Júlio Navarro Monzó, o filósofo espanhol que entre nós se demorou uma semana, atraíram um público numeroso e interessado pelos problemas que o conferente versou. Explicam-no de sobejo a natureza e a oportunidade do tema escolhido e a alta competência de Navarro Monzó. Preocupado sobretudo pelos problemas ético-religiosos, ante os quais as suas atitudes são motivadas por experiências de ordem pessoal, o nosso visitante, valorizando Heraclito contra Parménides, não deixou de, em nenhum dos seus livros e das suas conferências, se opôr a todo o estaticismo social, político, moral, filosófico ou religioso.

A sua notável erudição é também uma erudição dinâmica. O seu fim não é a erudição em si mas a erudição aplicada à interpretação da vida sob os seus aspectos mais importantes e, como a vida é essencialmente dinâmica, dinâmico terá de ser o instrumento que pretende aprofundá-la.

Todavia, além da sua admirável preparação, Navarro Monzó é possuidor ainda do talento de fazer conferências. É o tipo do conferencista pensador: profundo, sugestivo, claro e elegante. Outra virtude possui ainda Navarro Monzó: é que essas qualidades não pertencem apenas ao conferente mas também ao escritor. Os seus livros são claros e admiravelmente escritos.

Por tudo isto se explica a enorme concorrência às conferências de Navarro Monzó, mas quere-nos parecer que o título para elas escolhido contribuiu mais do que tudo para que logo à primeira conferência se verificasse tal interesse. Os problemas da Democracia são na hora presente, de facto, os problemas que mais preocupam todos aqueles que sentem a responsabilidade da sua atitude no momento actual. O que diria Navarro Monzó da democracia? Atacá-la-ia ou defendê-la-ia? É tão vulgar que o homem ante uma idea qualquer a ataque ou defenda e não manifeste outra qualquer atitude que imediatamente se quiz ver em Navarro Monzó um defensor incondicional da democracia ou um seu igualmente incondicional inimigo. Entre nós, o sectarismo perturba-nos demasiado para admitirmos uma atitude de imparcialidade serêna ante qualquer problema. Imparcialidade não quere dizer desinteresse; creio até ser a forma mais elevada de interesse. Foi com este interesse, movido por um desejo profundo de verdade, que Navarro Monzó expôs diante de todos os seus ouvintes, não uma solução mais ou menos dogmática, mas as dificuldades que o problema comporta, convidando cada um, não a admitir as suas opiniões, mas a, por si próprio, reflectir e, por si próprio, procurar uma solução. É a melhor forma de afirmar a essência dinâmica de toda a vida espiritual: não obedecer passivamente; mas reflectir dinamicamente.

*

Navarro Monzó disse-nos acerca da Democracia alguma cousa que não é costume ouvir-se em Portugal. E interessou-nos que o tivessem ouvido

muitos novos e sobretudo muitos académicos. Em Portugal as atitudes políticas quasi sempre não tem a fecundá-las atitudes espirituais. Ora a política é uma função de cultura e toda a atitude política deve pressupôr para o ser uma base ideológica. Sem ela, toda a política é puro jôgo e qualquer outro motivo que pretenda justificá-la é insuficiente e de menos valia.

Na sua última conferência, realizada a convite da Renascença Portuguesa, tratou o ilustre pensador do essencial em Religião. Sobre ela e sobre a sua atitude religiosa expressa nos seus livros, publicará a «Água» num dos seus próximos números um ensaio mais completo.

Com estas notas, queremos apenas manifestar a Júlio Navarro Monzó a nossa simpatia e os nossos agradecimentos em nome da Renascença Portuguesa.

DELFIN SANTOS.